

Modos de comunicar dimensões da(s) religião(ões) na contemporaneidade

**Carlos Eduardo Souza Aguiar
Francisco de Assis
Luís Mauro Sá Martino
Michelle Prazeres**

Faculdade Cásper Líbero | libero@casperlibero.edu.br

Um dos processos sociais mais complexos da História é, sem dúvida, o das relações estabelecidas na – e a partir da – religião. Ou, melhor, das religiões, porque se trata de práticas, no plural, não apenas pelas muitas denominações existentes, mas principalmente pela diversidade de maneiras de viver a fé, a espiritualidade, a devoção, entre outras tantas dimensões que se configuram nas relações entre a humanidade e o que esta considera ser divino e/ou sagrado. Além de toda a teia de sentidos teológicos construída a partir de diferentes matrizes, desenvolvida em variados contextos e estimulada por múltiplas exegeses, a complexidade da questão se acentua pelo fato de a(s) religiosidade(s) implicar(em), direta ou indiretamente, em outras dinâmicas sociais e em suas expressões, como a moral, a ética, a política, a educação e a própria comunicação. Todas essas inter-relações, estabelecidas no tempo e no espaço, demonstram que as subjetividades próprias das religiões ecoam além de seus limites e interferem nas materialidades objetivas do cotidiano comum,

especialmente daquelas que condicionam as convenções sociais, os modos de ser e de agir e até mesmo os rumos da democracia.

Religiões, como construções sociais que são, não estão isoladas do mundo ou inseridas em uma espécie de “mundo ideal”. Ao contrário, estabelecem-se no cotidiano tal como ele é, com suas contradições, seus atravessamentos e seus cenários de disputa. Por isso mesmo, não se pode ignorar a confluência do campo religioso com outros campos sociais, bem como é no mínimo inocência desconsiderar o peso de seu poder persuasivo nas decisões tomadas por seus fiéis em diferentes circunstâncias. Como posto de início, são relações marcadas por complexidades, as quais se apresentam como um desafio a ser enfrentado por cientistas que atuam sob o “guarda-chuva” das ciências humanas e sociais, em atitude interdisciplinar. No dizer de Jean-Paul Willaime, é apenas com a “multiplicidade de olhares”, dedicados a um amplo gradiente de especificidades, que “a totalidade dos universos religiosos poderá ser apreendida”¹.

Este é o ponto de partida do dossiê **Comunicação, religião e valores contemporâneos**, destaque desta edição de **LÍBERO** e que foi editado pelas professoras Aline Roes Dalmolin e Viviane Borelli, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), duas referências no campo de estudos situado na interface comunicação-religiões, às quais mais uma vez agradecemos pela dedicação ao trabalho editorial. Como resta óbvio, as atenções se voltam aos *processos comunicacionais* que decorrem ou incorporam elementos das religiões. Significa dizer que as análises e as reflexões propostas pelo conjunto de 10 artigos aprovados para esse núcleo temático – 33,33% de um universo de 30 submissões –, aos quais ainda se soma a entrevista, não tomam a religião como tônica, mas sim a sua relação com a comunicação. Ou, ainda, dão destaque ao que poderíamos chamar de *comunicação das/nas religiões*, em multiperspectivas, multiusos e multialcances.

Antes do dossiê, a seção **Entrevista** se volta à mesma temática e traz um profundo diálogo com o professor e babalorixá Sidnei Nogueira, conduzido por Fernanda Carrera, Denise Carvalho, Sandra Martins, Flávia Fontes, Amanda Moura, Rosane Romão, Ana Carla Ferreira dos Santos, Catharina Marques, Maiza Soares e Ana Luiza Farias. Doutor em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP), Nogueira é autor do livro *Intolerância religiosa* (Pólen, 2020), e na interação com o grupo de pesquisadoras defende a necessidade de buscar, em epistemologias decoloniais e nos saberes de terreiro, os elementos para a compreensão dos fenômenos que imbricam experiências religiosas e comunicação, principalmente quando perpassados pelo aspecto racial. A síntese de sua argumentação é a de que apenas a superação de conhecimentos eurocêntricos permite repensar as práticas religiosas de matriz africana – e seus desdobramentos, como é o caso da dimensão comunicacional – e, conseqüentemente, resultar em arma crítica de combate ao racismo, ao preconceito e a outras máculas que assinalam a percepção dos brasileiros a respeito do culto aos orixás e a outras entidades que não se encaixam no padrão de branquitude alimentado, em grande parte, pelo cristianismo.

O dossiê, propriamente dito, é aberto com o artigo *Nelas, através delas, em suas memórias: estigma, afeto e religiosidade em ativismos transcestrais no Brasil*, de Wendi Yu, Daniel

¹ WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia as religiões*. São Paulo: Unesp, 2012. p. 9-10.

Oliveira de Farias, Itania Maria Mota Gomes, Karina Gomes Barbosa e Carlos Magno Camargo Mendonça. Escrita em primeira pessoa do singular – sob a justificativa de que o “eu-autora contingente que emerge e fala neste texto resulta do encontro e da partilha das mãos que o urdiram” –, a reflexão caminha, de certo modo, no sentido apontado pouco antes pelo entrevistado, problematizando a religiosidade reivindicada e processada por ativistas e artistas trans e travestis brasileiras e demonstrando como suas ações ressignificam os elementos da fé e os modos de se relacionar com o mundo espiritual.

Em seguida, entra em pauta a discussão sobre as tensões em torno da liberdade de expressão, conceito não raramente manipulado conforme certos interesses e que se torna alvo de ataques quando a defesa de princípios religiosos fala mais alto. O *corpus* de análise apresentado por Bruna Silveira de Oliveira, Maiara Garcia Orlandini e Fernanda Nalon Sanglard, em *Vilipêndio à fé? Reflexão sobre censura e repressão à arte por motivação religiosa*, é formado por casos – e suas repercussões – em que manifestações artísticas foram censuradas no Brasil, sob alegação de que afrontavam a fé de alguns grupos, principalmente dos fundamentalistas cristãos. A liberdade de expressão se situa nesse território de disputas como um valor a ser mobilizado para defender ambos os lados envolvidos, resultando em repressões nada condizentes com um Estado laico.

Três artigos, na sequência, se debruçam sobre o binômio comunicação-religião nos limites da Igreja Católica, acionando pressupostos e desdobramentos diversos. *As mulheres e os valores religiosos na biografia de Santa Dulce dos Pobres*, de Felipe Adam e Karina Janz Woitowicz, analisa uma narrativa sobre a vida de Irmã Dulce, também conhecida como Anjo Bom da Bahia, canonizada em 2019, tensionando os elementos do relato com a questão de gênero processada no interior do catolicismo, especialmente no que diz respeito a suas hierarquias. *Da pessoa ao processo: a emergência do “dispositivo-Franciscus” em tempos de midiatização da religião*, de Moisés Sbardelotto, parte na defesa de que o pontificado do Papa Francisco, eleito no conclave de 2013, é, sobretudo, um fenômeno comunicacional, que reconfigura as relações do pontífice romano – e da própria igreja – com fiéis e com a sociedade, em nível mundial. E *A comunicação popular no âmbito da Pastoral Operária: a experiência do informativo A Voz do Trabalhador*, de Rozinaldo Antonio Miani e Bruna Miyuki Enomoto Akamatsu, enfim, revisita a experiência de um boletim elaborado pela Pastoral Operária da Arquidiocese de Curitiba, no início dos anos 1980, destacando sua relação com a teologia da libertação e com a luta política da classe trabalhadora, num contexto ainda marcado pela ditadura civil-militar.

Fazendo uma ponte entre as denominações católica e protestantes, Antoine Nicolas Gonod d’Artemare, em *Foto-políticas cristãs: genealogia da instrumentalização da luz e das trevas pela igreja cristã*, demonstra, a partir de três exemplos, como o cristianismo tem materializado a dicotomia entre trevas e luz, de modo a utilizar essa imagem nos seus modos de comunicar a fé e como apoio a seus exercícios doutrinários.

Dando continuidade, outras três contribuições focalizam o protestantismo, com destaque para as confissões neopentecostais. *Teologia da prosperidade 2.0: neoliberalismo, religião e comunicação digital no Dunamis Movement*, de Emily Hozokawa Dias e Richard Romancini, se volta a um movimento que se considera “desigrejado”, isto é, não mantém relação direta com uma instituição específica e que tem atraído fiéis – principalmente

jovens – por meio de um discurso que une elementos da crença cristã a pressupostos da ideologia neoliberal. *As estratégias de comunicação da Igreja Bola de Neve no Instagram*, de Deivison Moacir Cezar de Campos e Eduarda Toledo Benkenstein, caminha em sentido bastante próximo e revela os usos de mídias sociais por uma igreja que também tem na juventude seus potenciais interlocutores, proporcionando experiências de culto ressignificadas num contexto – reiterado por outros artigos – marcado por processos de midiatisação. Enfim, *Reputação corporativa e comunicação religiosa: uma análise de documentos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, de Allan Macedo de Novaes, Felipe Diemer de Lemos e Victor Diego Trivelato, analisa a política de comunicação de uma igreja tradicional, esmiuçando criticamente as orientações dadas em seus regulamentos.

O dossiê é encerrado com *O João de Deus do streaming: narrativas de uma celebridade religiosa em séries documentais da Globoplay e da Netflix*, de Marcos Vinicius Meigre e Silva e Livia Maia Caldeira Arantes, que analisam duas séries documentais sobre a controversa figura do médium João Teixeira de Faria – mais conhecido como João de Deus –, que durante décadas atraiu pessoas de várias partes do mundo ao interior de Goiás, onde realizava cirurgias espirituais, mas que recentemente foi condenado por uma série de abusos sexuais e de outros crimes.

A seção **Artigos**, que se abre a temas livres, reúne cinco abordagens que focalizam o jornalismo e o audiovisual, entrecruzando questões de gênero e raça, além de aspectos do mundo do trabalho e de estruturas narrativas. O conjunto diversificado começa com *O trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes: uma interpretação a partir dos rastos digitais*, no qual Cláudia Nonato, Fernando Felício Pachi Filho e Naiana Rodrigues da Silva buscam interpretar a organização alternativa de jornalistas a partir de uma metodologia que combina análise discursiva com dados extraídos do ambiente digital. *Um jornalismo sem raça? O inteligível e enlutável na cobertura da Folha de S.Paulo sobre a violência policial*, de Lucas Afonso Sepulveda, demonstra como o jornalismo brasileiro é racializado e fomenta um tipo de discurso que escolhe – a partir de uma postura notadamente racista – quem são os sujeitos dignos de respeito e de luto em torno de suas memórias e quem são os marginalizados, cujas mortes são tratadas apenas como estatísticas de violência. Por sua vez, *Comunicação, esporte e gênero: uma análise das representações midiáticas de lutadoras do UFC*, de Tarcyanie Cajueiro Santos e Felipe Tavares Paes Lopes, se dedica a observar regularidades na cobertura jornalística sobre mulheres lutadoras de artes marciais mistas, concluindo que os veículos de imprensa têm fundamentalmente se orientado em razão da perspectiva de gênero estabelecida pelo padrão cis-heteronormativo e pelo patriarcado – por um viés machista, portanto.

Os dois últimos artigos focalizam produções audiovisuais não ficcionais e ficcional, respectivamente. *Audiovisualidades do trabalho sexual: das possibilidades de aparição à crítica do cinema documentário*, de Juliana Gusman, apresenta análises de dois documentários sobre prostituição, anotando aspectos que os caracterizam e que vacilam entre dar visibilidade a um tema ainda tabu e estimular o desenvolvimento de senso crítico a esse respeito. Já *Sentidos possíveis na narrativa fílmica: análise de V de Vingança a partir do tema e seus modos de expressão*, de Renata Patrícia Correa Coutinho e Denise Aristimunha de Lima, busca amparo na teoria literária para discutir a vingança como categoria estruturante de obra

ficcional que, num só tempo, coopera com o desenrolar da trama e da história protagonizada por certos personagens e se constitui como elemento da crítica social.

Ao encerrar este editorial, queremos, como de costume, agradecer a todas e todos as/os envolvidos diretamente no processo de produção de **LÍBERO**, especialmente a Dora Carvalho, que está em estágio de pós-douramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero e que tem oferecido valiosa contribuição ao trabalho de preparação dos textos, e às/aos pareceristas² que dedicam seu tempo a revisar os originais recebidos pela revista, garantindo a eficiência do fluxo e o crivo de qualidade das edições publicadas. Agradecemos também ao Alex Silva, mestrando do PPG da Cásper Líbero, pela fotografia cedida para a capa deste número.

² As/os pareceristas que estão se dedicando a avaliar os artigos submetidos às edições de **LÍBERO** em 2022 serão listados no último editorial do ano.